

# Ciganos e *habitat*: entre a itinerância e a fixação\*

Alexandra Castro\*\*

*Resumo:* O presente artigo apresenta os principais resultados de uma pesquisa assente na compreensão das formas de apropriação do espaço e das estratégias identitárias desenvolvidas pelos ciganos realojados no bairro da Malagueira (Évora), de forma a se equacionar a relação entre as acções de realojamento e a re-estruturação dos seus modos de vida.

## Introdução

A presença dos ciganos em Portugal parece remontar ao século XVI e as dúvidas quanto à data de entrada no nosso país devem-se, em grande parte, ao facto dos testemunhos existentes só relatarem as interdições, perseguições e massacres de que esta população foi alvo.

Não é, pois, difícil enquadrar este grupo nas chamadas “minorias étnicas”, já que desde sempre parecem ter apresentado traços distintivos em relação à “maioria”, não só através de elementos mais visíveis, como por exemplo alguns aspectos físicos, mas sobretudo por partilharem características sócio-culturais particulares. Características estas que fazem parte de uma realidade colectiva constituída no passado, com factores de tradição e conservação, mas em transformação permanente, com factores de inovação e mudança.

No contexto desta pesquisa era importante distinguir as culturas étnicas das culturas imigradas. O grupo étnico cigano parece fazer parte das primeiras, por se tratar de um grupo em que a maior parte dos seus membros se encontram instalados em Portugal de forma definitiva, fazendo parte do Estado-Nação português e do seu futuro. Desta forma, as

---

\* Este artigo constitui uma síntese dos principais resultados de uma pesquisa desenvolvida entre 1992 e 1994, no âmbito do seminário de sociologia urbana do ISCTE, sob a orientação das docentes Isabel Guerra e Isabel Duarte.

\*\* Licenciada em Sociologia pelo ISCTE, investigadora no CET.

estratégias postas em prática, bem como as suas consequências sobre a sociedade portuguesa serão diferentes daquelas desenvolvidas pelas populações imigradas (Taboada-Leonetti, 1985).

Reconhecendo-se a relevância da etnicidade cigana na sociedade portuguesa, pretendia-se com este projecto equacionar a relação entre acções de realojamento e re-estruturação dos modos de vida de uma população oriunda de diferentes cenários habitacionais, na maioria ditos degradados. Assume-se que esta relação deve ter sempre presente as características dos actores aí envolvidos, actores com uma determinada história sócio-residencial e protagonistas de projectos de vida. Tentava-se, pois, compreender no contexto actual da sua inserção num novo espaço de *habitat*, como é gerida em termos identitários uma realidade colectiva que se constituiu no passado, mas que se encontra em transformação permanente, dadas algumas mudanças conjunturais das suas condições de existência e mesmo da sociedade portuguesa em geral.

O acento que é dado às especificidades apresentadas pelos membros deste grupo na sua manifestação e constituição temporal, baseia-se no facto de se pensar que é possível contrariar a ideia de se visualizar uma única orientação de re-estruturação dos modos de vida destas populações<sup>1</sup>.

Foi, sobretudo, por se privilegiar o actor na análise dos processos de realojamento que se optou por uma metodologia de carácter qualitativo. Também não é de menosprezar que a um nível mais operacional se impusesse a elaboração de uma estratégia que permitisse uma permanência relativamente prolongada nos espaços de *habitat* deste grupo, de forma a estabelecerem-se relações de confiança com os seus membros, a obterem-se informações sobre comportamentos e acontecimentos observáveis, que passam despercebidos à consciência explícita dos actores sociais.

Com base nestes pressupostos metodológicos optou-se pela **pesquisa de terreno**, recorrendo à **observação participante** no sentido de se obter respostas sem fazer perguntas no decorrer de conversas informais, na observação de situações rotineiras ou excepcionais. Realizaram-se **histórias de vida** com o objectivo de se reconstituir trajectórias sócio-residenciais e compreender as suas implicações a nível identitário e nas formas de apropriação do espaço<sup>2</sup>. Por fim, e para complementar a informação recolhida realizaram-se **entrevistas semi-directivas** a alguns membros da comunidade em estudo.

Um dado não menos importante neste percurso metodológico prendia-se com a definição dos critérios que presidiriam à selecção do bairro para realizar a presente pesquisa. A opção pelo Bairro da Malagueira, em Évora, obedeceu, por um lado, a um critério de qualidade arquitectónica e, por outro, à facilidade em aceder aos seus habitantes<sup>3</sup>. Convém desde

já esclarecer que o carácter exploratório desta pesquisa não permite qualquer tipo de extrapolação para o conjunto de ciganos residentes em Portugal.

## 1. Os ciganos e os outros: implicações no confronto de identidades

Na abordagem do grupo étnico cigano o conceito de **identidade** surge como central. Ele aparece baseado no reconhecimento do lugar dos indivíduos no mundo, na constituição de referências susceptíveis de uma auto ou hetero-avaliação e na construção de projectos, capazes de orientarem as acções a curto ou longo prazo.

A grande disparidade entre a imagem que os ciganos fazem do seu grupo e aquela que é realizada pelos outros não-ciganos demonstra a falta de comunicabilidade entre estes dois grupos. Este fenómeno tem-se mantido ao longo dos tempos, tornando-se por si só produtor de diferença, marginalização e auto-segregação.

Esta incomunicabilidade repercute-se através do isolamento no interior do grupo e tem-se desenvolvido, sobretudo, em duas direcções: 1) desvalorização de alguns dos seus aspectos ou redefinição positiva de características até aqui apreendidas negativamente; 2) hostilidade face ao exterior.

No caso dos ciganos da Malagueira apareceu claramente expresso uma avaliação positiva quanto à pertença ao grupo, traduzida por um reconhecido orgulho em ser cigano. No entanto, em determinadas situações esta identidade assumida positivamente podia ser posta em causa, acontecendo, por exemplo, quando se confrontava com a identidade prescrita - geralmente negativa e onde o cigano não se reconhecia - ou quando estava em jogo uma maior liberdade para a mulher.

“(…) parte das pessoas pensam que os ciganos não são seres humanos como os outros, que são bichos, que são isto, que são aquilo, porque há parte dos ciganos que não têm cultura, por exemplos eu, eu não sei ler, mas parte das coisas não sou assim tão estúpida que não veja, tás a ver? E há ciganos que têm uma maneira assim muito educada e são educados para as pessoas (…)”

(Olga, 35 anos)

“(…) as ciganas são muito sacrificadas, não podem ir a um baile, não podem frequentar as discotecas, não podem frequentar praias, não podem nada disso (…)”

(Verónica, 29 anos)

O facto da identidade prescrita fechar muitas vezes o cigano numa imagem onde ele não se reconhece, faz com que reaja àquilo que lhe foi proposto. Um bom exemplo desta situação são as associações frequentes entre “ciganos-ladrões” ou “ciganos-marginais”, que são justificadas pelos entrevistados quer através das suas condições de vida que os “inclinava” para o roubo, quer por uma necessidade de mostrar que nem tudo é assim tão “negro”.

O outro aspecto mencionado do isolamento no interior do grupo dizia respeito à hostilidade face ao exterior. Na maioria das vezes, esta hostilidade traduz-se por estratégias de resistência em abordar determinados aspectos da sua identidade étnica (como o dialecto, os rituais do casamento, etc.), não se impondo nem se desejando que se compreenda a sua realidade sócio-cultural. Estes manifestos silêncios podem ter por base quer uma forma de reacção à identidade prescrita negativa de que são alvo<sup>4</sup>, quer uma maneira de assegurarem a sua reprodução social. Subjacente a este silêncio também pode estar a vontade em desenvolver um halo de mistério.

As formas que tem assumido esta incomunicabilidade entre grupos com referências identitárias diversas parecem, actualmente, apresentar **sinais de mudança**, surgindo as acções de realojamento como possíveis motores desta transformação.

### 1.1. O realojamento: vantagens e investimentos

Os novos contextos habitacionais surgem como uma importante referência espacial, onde os actores em causa podem “pedir” e/ou redefinir o seu papel e imagem na sociedade.

Os ciganos que foram realojados no bairro da Malagueira parecem aspirar a outras formas de relacionamento social. A sua capacidade de acção passa não só pelo **investimento positivo nas novas relações** com a sociedade portuguesa, mas também pelo maior protagonismo e empenhamento na **melhoria** das suas **condições habitacionais**<sup>5</sup>.

Com o realojamento um dado novo que surge é a extensão das redes de sociabilidade a vizinhos não ciganos. Embora, entre os mais velhos apenas se verifiquem relações ocasionais, de troca amigável ou de servilismo, entre os mais jovens as sociabilidades passam a ser mais intensas e electivas, ou seja, são provocadas e organizadas entre eles em torno de convites ou visitas regulares.

Os entrevistados começaram a desenvolver uma atitude crítica face à nova casa, mas um aspecto inovador é que passaram a ter projectos para

melhorar as condições de habitabilidade não só ao nível dos materiais, mas também das suas próprias necessidades de conforto e incutir marcas personalizantes no espaço.

Os ciganos, de uma forma mais explícita, reconhecem um conjunto de vantagens trazidas pela nova casa. Sentem-se satisfeitos com as novas **condições morfológicas** (electricidade, água corrente, etc.), por oposição às existentes na tenda ou na barraca. Mas, nota-se que o aumento da satisfação com o alojamento é sustentado por outros desejos de conforto que passam por um dado investimento material na casa (compra de mobiliário, objectos decorativos, T.V., Hi-Fi, soalhos, papel de cozinha, etc.) e por uma apropriação mais personalizada de determinados espaços do alojamento, que de alguma forma manifestam determinados traços identitários ou reflectem mesmo um dado modelo de habitar, como por exemplo, cozinhar, dormir, lavar a loiça e a roupa ao ar livre<sup>6</sup>.

À medida que aumenta o tempo de permanência no bairro e no alojamento, novas vantagens parecem surgir nomeadamente, um maior sentimento de segurança e estabilidade na vida, uma maior funcionalidade na viagem e, a influência exercida por um novo tipo de *habitat* na imagem que os outros fazem dos ciganos.

Em relação à vantagem trazida pela casa no sentido de uma **maior segurança e estabilidade** na vida, o seguinte testemunho é muito ilustrativo:

“Quando vim aqui para estas casas a minha vida modificou-se muito, porque passei a ter um ninho certo, faz de conta que isto é um ninho. Nós eramos como uns pássaros que andávamos só a voar de sítio para sítio, não? Porque para criar os filhos, esta casinha foi um ninho que a gente arranjou, aqui já vamos de um lado para lado, já fica tudo dentro da casa, tá a compreender? sabemos que *formos* para onde quer que *formos* temos aqui o nosso ninho”.

(Vitor, 60 anos)

É curiosa a analogia feita por Vitor entre a casa e o ninho. Recorrendo a G. Bachelard, isto pode ser explicado não só pelo facto do bem-estar poder ser devolvido à primitividade do refúgio ou pela perfeição associada ao ninho, no sentido de trazer a marca de um instinto seguro, mas também porque “a casa-ninho(...) é o lugar natural da função de habitar. Volta-se a ela, sonha-se voltar como o pássaro volta ao ninho (...). Esse signo da volta marca infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com os grandes ritmos da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra as ausências (...) Mas, para

comparar tão ternamente a casa e o ninho, não se terá perdido a casa da felicidade?(...) Se voltamos à velha casa como quem volta ao ninho, é porque as lembranças são sonhos, é porque a casa do passado se transformou numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas” (1957: 111-112).

**A maior funcionalidade na viagem** como uma vantagem trazida pela nova casa aparentemente pode suscitar alguma contradição pelo facto da bagagem parecer contrapor-se ao nomadismo. No entanto, ela é uma exigência nas deslocações sazonais desta população. Para além da bagagem indispensável que acompanha a itinerância, como a tenda, os tachos, os cobertores, os alguidares, etc., muitas vezes a aquisição de outros objectos dificulta o seu transporte. A aquisição, contudo, só parece começar a realizar-se quando se opta por um modo de vida mais sedentário, pois enquanto itinerante as coisas adquiridas são indispensáveis para a subsistência, ou tratam-se de “(...) *signes de sociabilité qui circulent entre les unités domestiques selon un système complexe d’obligations réciproques*” (Centlivres, 1979: 15).

No que diz respeito às vantagens trazidas pela nova casa ao nível da **identidade prescrita**, todos os entrevistados foram unânimes quanto à sua contribuição para alterar a imagem que até à data do seu realojamento os outros faziam deles. As razões apontadas para esta alteração foram as seguintes:

- A importância da coexistência e das relações de vizinhança. Face à sua auto-definição positiva, os entrevistados reconheceram que uma vez coexistindo com populações heterogêneas e desenvolvendo relações de confiança, nomeadamente, com os vizinhos e nos espaços de comércio do bairro, poderiam ter uma oportunidade de mostrarem aquilo que realmente eram, contrariando assim, a identidade prescrita negativa.

“Depois de vivermos aqui a convivência é outra, as pessoas dizem ‘já estou a ver quem é a raça cigana’ ... o pessoal convida-me aqui para ir tomar qualquer coisa e eu convido as pessoas, também. Agora o pessoal começa a ver realmente que não era aquilo que eramos dantes, que não era a fama que havia. Diziam que eramos maus, que eramos isto e aquilo, agora as pessoas começaram a ver que vivemos aqui todos juntos... agora têm uma boa impressão dos ciganos, mas antes, como lhe disse, andávamos nesses campos, fugíamos de cá para lá da guarda.”

(Vitor, 60 anos)

“(…) aqui é sermos cidadãos como outra gente qualquer, quando estávamos nas barracas eramos sempre mais mal vistos, mais mal olhados, não sei se

À medida que foi aumentando o tempo de permanência no bairro, os ciganos foram definindo os seus territórios de apropriação, foram conhecendo as particularidades de determinados espaços e reconhecendo-os como “seus”. No fundo, foram definindo um território enquanto identidade espacial. Para os outros (não ciganos), realojados sensivelmente na mesma altura, esta situação também parece ter sido por eles percebida gradualmente, não os considerando como uma necessária oposição.

A este progressivo envolvimento dos sujeitos com o espaço veio aliar-se **uma aprendizagem gradual da coabitação**. Enquanto os ciganos se apropriavam dos espaços públicos, se faziam ver e começavam a “dominar” certas instâncias do bairro, foram também interiorizando as regras implícitas da conveniência (Mayol, 1980): colectivas e tácitas, porque inteligíveis por todos os habitantes, através de códigos de linguagem e de comportamento.

Foi possível ainda constatar que aquelas regras estavam implícitas nas suas formas de estar com os outros, pois o dialecto — o *romani* — a que tantas vezes parecem recorrer para não serem percebidos, nunca era utilizado. O *romani* trata-se, pois, de uma “língua” mais secundarizada que o português e apenas para ser utilizada em situações mais delicadas, situações, por exemplo, que coloquem em causa a sua segurança. Desta forma, tal como dizia Verónica, a palavra “amor” não precisava de tradução em *romani*.

“(…) O romano só serve para os senhores não perceberem, o romano só serve para a gente despistar os sem ser ciganos, para não perceberem as nossas falas, os ciganos percebem-no todo.”

(Verónica, 29 anos)

O relacionamento bastante positivo com os comerciantes do bairro confirma ainda a existência de momentos intensos, vividos no quotidiano, apresentados pelos habitantes na sua relação com os lugares mais próximos do seu *habitat*.

Os ciganos da Malagueira ao habitarem o bairro com “conveniência”, ou seja, assumindo as suas regras e agindo como verdadeiros utilizadores dos espaços por eles desejados, não criando fricções com os outros, vão alimentando a sua identidade. Esta identidade — sinal da sua pertença ao bairro — é manifestada pela afectividade que mantêm com o espaço do bairro e pelo sentimento que demonstram pela especificidade nas suas formas de apropriação e no relacionamento com os outros.

As formas de coabitação pacífica encontradas no bairro da Malagueira levam a questionar se, para além da antiguidade no lugar e da “conve-

niência”, elas não serão também o reflexo de uma **“estratégia de luta”** contra a identidade prescrita.

O realojamento parece, pois, ter trazido dados novos às formas de comunicação instauradas entre ciganos e não ciganos, com consequências inevitáveis ao nível da configuração da identidade étnica e da estruturação do *habitus*. Como temática importante de contextualização deste processo surgem as questões da **dupla cultura**, ora como localização em dois **mundos contraditórios** — baseada em efeitos dos mecanismos de exclusão e inclusão social —, ora como emergência de **novas identidades**.

No bairro da Malgueira a sobreposição entre vizinhos e parentes gera, através da interdependência dos laços familiares, normas de controlo social, permite a socialização no grupo, e a solidariedade entre os seus membros. No entanto, estes laços são extensíveis para fora deste espaço, assumindo as relações assim constituídas e mantidas com o realojamento a forma de “comunidade emancipada” (Wellman et al., 1981).

Mas, as novas relações sociais entretanto instauradas entre ciganos e não ciganos, os contactos mais frequentes com os audio-visuais, com a escola e com todas as outras formas difusas de exposição à cultura envolvente vêm colocar novas aspirações, exigências diferentes e possibilidades diversas, sobretudo nas camadas mais jovens do grupo étnico cigano.

Estas novas instâncias socializadoras apresentam-se em certa medida como ameaçadoras da reprodução da identidade étnica cigana, uma vez que a pertença a este grupo exige uma grande lealdade aos seus valores. No entanto, o controlo parece estar garantido no novo contexto habitacional no sentido de inibição de formas de distinção pessoal por parte dos seus membros. Verifica-se, pois, como a localização da dupla cultura em dois mundos contraditórios surge através de factores de inclusão social.

Os factores de exclusão social, como oposição entre dois mundos diferentes, tal como vimos, levavam à hostilidade face ao exterior e ao arrastamento de atitudes negativas, contudo, tendem a desaparecer e a dar lugar a uma redefinição das identidades com reflexos nas formas de apropriação do espaço e de coexistência inter-étnica.

## **2. Liberdade e autonomia de movimentos na base da estruturação dos modos de vida**

Os ciganos da Malagueira, no contexto actual da sua inserção, já relativamente prolongada, num novo espaço de *habitat* têm desenvolvido uma apropriação do espaço, quase sem constrangimentos, no sentido de



“alimentarem” e redefinirem a sua identidade étnica. No entanto, as formas de produção e apropriação do espaço desenvolvidas parecem ficar um pouco aquém das previstas (ou desejadas) pelas acções de realojamento.

Isto foi visível não só através da **viricinalidade** (Pina Cabral, 1991), mas também pelo **princípio de acção** assente na liberdade e autonomia de movimentos se manifestar ao nível da organização do tempo e do espaço (a inexistência de horários rígidos; a rua como um prolongamento do alojamento; a utilização do fogo, os usos feitos nos espaços exteriores, etc.) e continuar a manter-se enquanto sistema de disposições, através da itinerância, mesmo após o realojamento.

A **itinerância**, como modo de vida, para além de ser um assunto difícil de esgotar, também não é de fácil compreensão. Tomando como referência o universo estudado poder-se-à afirmar que a itinerância surge ao longo dos percursos identificados, como uma disposição importante no preenchimento de **funções económicas e sociais**.

Actualmente, estes ciganos deslocam-se entre Maio e Setembro. Viajam à procura de clientela para os seus produtos (vestuário e calçado); para encontrar uma qualquer actividade ou para trabalhar na agricultura. Como eles dizem, “a barriga não nos deixa estar quietos, não temos meios para estar sempre aqui, temos de procurar para aqui e para ali no tempo dos trabalhos”. No entanto, paralelamente a esta necessidade económica encontra-se ainda o desejo de estar com outros familiares e amigos que vivem em Espanha ou noutras regiões de Portugal; a necessidade de desenvolver o seu capital relacional — elemento importante para se socorrerem quando atravessam alguma dificuldade; a importância de obtenção de informações e a sua difusão e a necessidade de gerirem conflitos internos que passavam pela separação geográfica de indivíduos ou famílias. Por último, foi ainda apontada a **pressão policial** perante o estacionamento de populações ciganas em determinadas áreas, como uma razão presente na itinerância, surgindo esta quer como objecto de rejeição, quer como forma de adaptação a esta rejeição.

Através da figura 1 é possível visualizar os reflexos que a itinerância ou semi-itinerância tiveram ao nível das experiências residenciais: diversidade de tipos de residência; variedade nos locais de permanência; *habitat* quase sempre provisório e compatível com os seus modos de vida. Embora estes sejam alguns dos dados comuns destes percursos, convém salientar que ao longo das trajectórias houve uma reconfiguração dos *habitus*, traduzida por alterações nos modos de vida.

Estas alterações ficaram expressas através da identificação de dois tipos de percursos<sup>7</sup>: a) Passagem de um modo de vida itinerante para um semi-itinerante; b) Passagem de um modo de vida sedentário para um

semi-itinerante. Um dado coincidente nestes dois percursos prende-se com a transição de modos de vida operada ao longo das suas trajectórias em momentos, sensivelmente, idênticos das suas posições no ciclo de vida. Na origem desta inflexão intervêm diferentes variáveis consoante os percursos em causa.

No **percurso A**, a passagem de um modo de vida centrado na itinerância para um modo de vida mais sedentário, mas sem nunca pôr de parte a hipótese de retomar a viagem prende-se com as seguintes variáveis: posição no ciclo de vida, situação na profissão e realojamento.

A irregularidade dos rendimentos auferidos por uma actividade que se tem que procurar quase pelo país inteiro ou mesmo em Espanha, juntamente com a estabilidade que o casamento veio trazer e o aumento das dificuldades com o começo do nascimento dos filhos, aparecem como os principais vectores de uma estratégia que implicitamente reconhece as vantagens trazidas por um alojamento diferente daquele que por eles era objecto de apropriação — a tenda — para os seus modos de vida.

No **percurso B**, um dado importante de explicação é o facto de ele ser protagonizado pelo sexo feminino e o peso exercido pela figura do homem na configuração deste modo de vida. O facto do primeiro momento ser, sobretudo, caracterizado por um modo de vida mais sedentário deve-se a uma situação mais estável na profissão, proporcionada pela profissão do pai. No segundo momento, é nítida a influência do marido, já que este sempre tinha levado uma vida itinerante, daí que a viagem seja retomada por ele após o casamento.

Estas alterações nos modos de vida parecem ainda decorrer da “existência de disposições regressivas e de disposições progressivas no que respeita à sua expressividade temporal” (Casanova, 1993). Importa aqui salientar a influência da acção de realojamento, ou mesmo das estratégias que a antecederam desenvolvidas pelos actores sociais, na passagem de um modo de vida mais itinerante para um mais sedentário.

A construção da barraca por volta dos anos 60, assenta numa estratégia que visa adquirir uma nova casa e onde se reconhecem as vantagens que dela podem advir. Se viver numa casa é socialmente mais aceite e prestigiante que habitar numa tenda ou bairro degradado, parecem óbvias as influências que este tipo de representações — desenvolvidas por uma maioria — terá sobre uma minoria, como a cigana, tradicionalmente nómada e, no caso português, desprovida de um quadro legal quanto a possíveis locais de estacionamento<sup>8</sup>.

Embora, no percurso A a itinerância surja como uma disposição regressiva, não significa que a reconfiguração deste *habitus* ao longo dos tempos implique o seu total desaparecimento, já que passados cerca de 40

anos, desde a construção da barraca até ao momento actual, a semi-itinerância tem estado na base da estruturação dos modos de vida destes actores.

Convém, no entanto, questionar se uma alteração ao nível da localização destes actores na estrutura de classes poderia levar ao desenvolvimento da itinerância enquanto disposição regressiva, uma vez que é comum afirmar que o verdadeiro nómada é aquele que ocupa as posições de classe mais inferiores, aquele que nenhuma posse lhe entrava a mobilidade.

Mas tornar tangível a não materialidade das populações nómadas parece ser um entrave para a compreensão das vantagens que este grupo étnico reconhece com a apropriação de um alojamento com condições muito diferentes daquelas que marcaram as suas trajectórias. Desta forma, deve-se ter presente a relatividade assumida pela propriedade dos bens em populações tradicionalmente nómadas (Centlivres, 1979) e, ao mesmo tempo reflectir, sobre a evolução dos projectos de vida apresentada por este grupo.

No caso concreto dos ciganos da Malagueira, expressões como “tinha pouco, mas era feliz” reflectiam uma atitude perante a vida onde não existiam certas necessidades de consumo nem de promoção social e com consequências directas ao nível dos projectos de vida, das aspirações e dos sonhos.

Os projectos de vida antes do realojamento, sobretudo em termos residenciais, apresentavam-se vazios de conteúdo, não se vislumbrando qualquer possibilidade de acção no sentido de uma mudança das condições até aí vividas. O tempo estava centrado no presente e os modos de vida, conseqüentemente, reproduziam-se ao longo dos seus quotidianos.

O realojamento fez despoletar um maior protagonismo por parte dos actores, começando a vislumbrar-se atitudes mais concretas, ainda que não muito definidas, em relação aos seus projectos de vida e à educação dos seus filhos. A explicação desta indefinição deve ser procurada na temporalidade recente e restrita deste maior protagonismo.

Duas interrogações que parecem ser importantes de registar, prendem-se, por um lado, com as possíveis limitações que estes projectos podem apresentar, acabando por não ter repercussões, por exemplo, ao nível do estatuto social desta população. Por outro lado, se olharmos para a juventude apresentada pela população em estudo, que potencialidades e possibilidades terá ela de contrariar atitudes mais passivas face ao futuro e de ingressar em processos de mobilidade social.



## Notas

- <sup>1</sup> Parece comumente aceite que as populações alvo de acções de realojamento orientem positivamente os seus modos de vida, no sentido da sua promoção social ou através de um uso globalmente homogéneo dos espaços previstos de apropriação.
- <sup>2</sup> Das seis famílias ciganas presentes no bairro da Malagueira durante o período de realização deste trabalho, apenas se conseguiu seleccionar três indivíduos para a realização das histórias de vida. Os principais obstáculos encontrados prenderam-se com a existência de uma estrutura etária bastante jovem, que dificulta uma distanciação reflexiva e crítica em relação ao passado, e com o facto de quase todos os indivíduos serem analfabetos e terem dificuldades em desenvolverem um discurso sobre as suas vidas.
- <sup>3</sup> Numa pesquisa deste tipo pareceu mais importante estudar um bairro que, aparentemente, parecia oferecer algumas condições para uma apropriação do espaço sem muitos constrangimentos. As casas da Malagueira pareciam garantir essas condições, já que se tratavam de casas térreas com um pátio interior ao ar livre. Pretendia-se, assim, evitar as habituais e não muito difíceis críticas que são dirigidas à habitação social, e que na maior parte das vezes acabam por não se tornar muito construtivas.
- <sup>4</sup> Segundo Teresa San Roman, a identidade étnica só pode existir através das diferenças culturais e só aumentará se existir uma oposição, pois é através de uma intensa competição que os caracteres culturais tomarão o seu pleno significado de distinções étnicas (San Roman, T., 1986: 205).
- <sup>5</sup> Quando habitavam em barracas as razões que estavam presentes na ausência de protagonismo na intervenção ao nível daquelas condições habitacionais pareciam ser: a) as carências económicas e a percepção do tempo centrada no presente a dificultarem a concretização do sonho — ter uma casa. Estes dois factores aliados à alta probabilidade de insucesso escolar tornavam impossíveis e/ou inúteis eventuais poupanças no sentido de se realizarem projectos no futuro. A segregação e o fatalismo podem impedir a visibilidade de outros modos de vida e substituírem a ambição pela resignação (Capucha, 1992: 24); b) a possível intervenção parecia estar na mão dos outros, como por exemplo, na Câmara ou em jogos de sorte. Interessante foi ainda constatar que uma vez satisfeitas um conjunto de necessidades, novas aspirações foram despoletadas, nomeadamente, o desejo de adquirir “uma casa mais importante”.
- <sup>6</sup> A maioria das famílias ciganas apropria-se intensamente de quase todas as divisões da casa — exceptuam-se os quartos, exclusivamente destinados ao repouso — e fazem uso da rua como um prolongamento do alojamento. Surgem formas diferenciadas de apropriação do espaço quando o luto interfere nas práticas quotidianas, e quando se relaciona a diferenciação sexual no desempenho de papéis no interior da família, com o uso privilegiado de determinados espaços. Outro aspecto ainda a salientar é a própria configuração das casas do bairro em estudo — casas térreas com um espaço interior ao ar livre — que permite uma apropriação sem constrangimentos.
- <sup>7</sup> Traçar o perfil destes percursos com base num reduzido número de situações justificase por se tratar de um estudo exploratório.
- <sup>8</sup> Não se deve ignorar a importância das relações que as comunidades ciganas foram mantendo ao longo dos tempos com o meio envolvente, pois este conjunto de relações fez e continua a fazer surgir determinados traços da sua maneira de ser e de fazer. É, pois, impossível afirmar que estas populações se apoiam sobre uma identidade definida uma vez por todas, a fim de se perserver a sua singularidade. Elas “utilizam” determinados aspectos do meio em que se encontram de maneira original numa configuração cigana, sem que enfraqueçam a sua própria cultura. Isto levanta a questão sobre se a sua singularidade estará então ligada a esta adaptabilidade, a esta maneira de se “misturar” com o outro, mantendo-se fiéis a si próprios?

**Notas bibliográficas**

- BACHELARD, G. (1957), *A poética do espaço*, São Paulo, Martins Fontes.
- BONNIN, P. (1994), "L'habitation, modalité de l'existence sociale", in *Les Hommes, leurs espaces et leurs aspirations. Hommage à Ph. Chombart de Lauwe*, Paris, L'Harmattan.
- CABRAL, J.P. (1991), *Os contextos da antropologia*, Lisboa, Difel.
- CAPUCHA, L.M.A. (1992), *Problemas da pobreza: conceitos, contextos e modos de vida*, Lisboa, ISCTE, Tese de mestrado.
- CASANOVA, J.L. (1993), *Posições e disposições — Trajectórias sociais e recomposição do habitus*, Lisboa, ISCTE, Tese de mestrado.
- CENTLIVRES, P. (1979), "Être nomade: la peur, le désir et la fin", in *Être nomade aujourd'hui*, Musée d'ethnographie de la ville Neuchâtel.
- MAYOL, P. (1980), *L'invention du quotidien II — Habiter*, Paris, UGE.
- TABOADA-LEONETTI (1985), "Culture d'origine, cultures immigrés, cultures ethniques - reflexions sur le traitement ideologique ambivalente de ces notions", *L'Homme et la Société*, nº77-78, pp. 121-141.
- WELLMAN et al. (1981), "Reseau, quartier et communauté", *Espaces et Sociétés*, nº38-39, pp. 111-133.